

Reflexões sobre trajetórias de trabalho do pequeno agricultor familiar no interior do Estado de São Paulo

Reflections on work trajectories of the small family farmer in the interior of the State of São Paulo

Reflexiones sobre trayectorias de trabajo del pequeño agricultor familiar en el interior del Estado de São Paulo

Angélica Fabiana Gomes
Wilson José Alves Pedro

RESUMO: Este trabalho analisa aspectos de trajetórias psicossociais de um grupo de pequenos agricultores familiares arrendatários de terra e que vivenciam o processo de envelhecimento. Trata-se de um estudo exploratório de natureza social e qualitativa. A metodologia utilizada foi a história de vida. Participaram do estudo quatro sujeitos, três homens e uma mulher, com a idade entre sessenta e seis anos e setenta e seis anos. Os resultados evidenciam a complexidade do sistema de organização produtiva, o trabalho na zona rural e seus impactos na construção de identidade no contexto de envelhecimento.

Palavras-chave: Agricultura familiar; Identidade; Envelhecimento no rural.

ABSTRACT: *This paper analyzes aspects of psychosocial trajectories of a group of small family farmers lessees of land and experience the aging process. This is an exploratory study of social and qualitative nature. The methodology used was the story of life. The study included four subjects, three men and one woman between the ages of sixty-six years and seventy-six. The results show the complexity of the system of productive organization, the work in the countryside and their impact on the construction of identity in the aging context.*

Keywords: *Family farming; Identity; Aging in rural.*

RESUMEN: *Este trabajo analiza aspectos de las trayectorias psicosociales de un grupo de pequeños agricultores familiares arrendatarios de tierra y experimenta el proceso de envejecimiento. Se trata de un estudio exploratorio de naturaleza social y cualitativa. La metodología utilizada fue la historia de la vida. El estudio incluyó cuatro sujetos, tres hombres y una mujer entre las edades de sesenta y seis años y setenta y seis. Los resultados muestran la complejidad del sistema de organización productiva, el trabajo en el campo y su impacto en la construcción de la identidad en el contexto del envejecimiento.*

Palabras clave: *Agricultura familiar; Identidad; Envejecimiento en las zonas rurales.*

Introdução

“Trabalho aqui nunca falta a quem sabe trabalhar; o que fazia o compadre na sua terra de lá? Pois fui sempre lavrador, lavrador de terra má; não há espécie de terra que eu não possa cultivar.”

(João Cabral de Mello Neto. *Morte e Vida Severina*)¹

A agricultura familiar atravessa muitas transformações e enfrenta inúmeras dificuldades, em nosso país. A realidade atual expressa o acirramento de tensões movidas por interesses como a demarcação de territórios de ocupação tradicional no Brasil. A reforma agrária é um dos temas complexos e polêmicos nos embates políticos e partidários do Brasil contemporâneo. Estudos apontam que a estrutura agrária brasileira não condiz com o Estatuto da Terra (Lei n.º 4.504 de 30 de novembro de 1964), que garante o direito à reforma agrária, com o objetivo de alcançar a função social da terra; princípio este, da função social da terra, que ressalta o sentido de que a terra deve estar a serviço do homem, e não o homem a serviço da terra, e que a terra não é mercadoria, mas, sim, um meio de produção ou de utilidade social (Sodero, 1968).

Discussões contemporâneas em torno das crises sociais apontam a relevância do problema da “insegurança social” (Castel, 2004), principalmente em relação às preocupações associadas ao desemprego e ao desenvolvimento rural, e às transformações da agricultura, resultando, ainda, a crescente cobrança por uma reforma agrária eficaz.

¹ Melo Neto, J. C. de. (1979). *Morte e Vida Severina*. In: *Poesias Completas*. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio Editora.

A problemática da reforma agrária tem sido palco de mobilizações, assim como protestos e reivindicações dos movimentos sociais, especialmente aqueles realizados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Na história do Brasil contemporâneo há vários relatos de movimentos camponeses. O MST não é o único movimento de luta pela reforma agrária. Existem atualmente dezenas de outros movimentos, inspirados no MST, ou dissidentes deste, como os próprios nomes sugerem, por exemplo, o MAST (Movimento dos Agricultores Sem Terra), ligado à Social Democracia, o MLST (Movimento de Libertação dos Sem Terra), ligado a segmentos da esquerda, e o MUST (Movimento Unido dos Sem Terra), ligado à Força Sindical (Comparato, 2001). Movimentos com concepções ideológicas distintas, tendo a questão agrária como prioridade. Presenciam-se muitas mudanças e impactos sociais, um renascimento rural, e uma necessidade da reforma agrária.

Existe também uma luta invisível e silenciosa, dos que querem continuar a viver e envelhecer no campo, com seu direito de escolher viver onde e como desejam. Este aspecto precisa ser mais explorado nas investigações científicas.

No encontro de saberes interdisciplinares, as trajetórias dos pequenos agricultores têm desafiado os saberes constituídos das ciências humanas e sociais contemporâneas, reconhecendo-se efetivas contribuições da sociologia, da antropologia, do direito, da economia e da psicologia, esta especialmente nas vertentes da psicologia política e da social e comunitária.

Carece, entretanto, elucidar aportes teóricos que nos propiciem aproximar e compreender algumas questões: Qual é a sociabilidade dos pequenos agricultores? Como se dá a trajetória desta categoria social? Como tem sido o processo de envelhecimento na zona rural?

A dinâmica da transição demográfica também evidencia que, em razão do êxodo rural, ocorrido no Brasil, é uma dimensão importante para a compreensão das trajetórias do pequeno produtor rural, suas experiências e transformações psicossociais.

Tais reflexões nos aproximam do campo da Gerontologia Social, esta compreendida como um campo de estudos e intervenções interdisciplinares:

(...) é um campo multi e interdisciplinar que visa à descrição e a explicação das mudanças típicas do processo de envelhecimento e de seus determinantes genético-biológicos, psicológicos e socioculturais. Interessa-se também pelo estudo das características das pessoas idosas, bem como pelas várias experiências de velhice e envelhecimento ocorridas em diferentes contextos socioculturais e históricos. Abrange aspectos do envelhecimento normal e patológico (Pedro, 2002, p. 120; Gomes, & Pedro, 2016).

Para Basílio (2009), os modelos de desenvolvimento rural brasileiro não conseguiram melhorar as condições de vida do homem no campo. Abramovay (2007) aponta que esse é um momento em que se relata que a agricultura familiar é essencial para o Brasil, pois este segmento responde por cerca de um terço do valor da produção total da agricultura nacional.

A fim de elucidar dimensões deste debate, faz-se necessário ainda resgatar alguns aspectos do desenvolvimento rural. As discussões pautadas em um pensamento que visa a esvaziar o campo, como ocorreu na Argentina, atribui-se aqui o nome de "via Argentina".

No Brasil, o que se observa, na discussão acadêmica para as transformações no campo (Paiva, 1979; Balsadi, 2001; Romeiro, 2002; Brandenburg, 2005; Abromovay, 2007; Schneider, 2003, 2006; Buainain, & Romeiro, 2000; Wanderley, 1996), é que este universo rural é bastante complexo e heterogêneo, o qual agrega desde famílias que não têm as condições mínimas de subsistência, como a falta de energia elétrica e saneamento básico em sua propriedade rural, até famílias capitalizadas, que possuem acesso às novas tecnologias, organização produtiva, assessoria técnica de consultores especializada em agronegócios.

Há evidências de que o Brasil esteja entre os maiores produtores mundiais de alimentos; dados da Organização Mundial de Comércio (OMC), apontam que o país exportou US\$ 61,4 bilhões em produtos agropecuários, em 2008.² Nessa perspectiva, a agricultura desempenha um importante papel na construção de um futuro possível para a humanidade.

² Informação extraída de: *OMC aponta Brasil como 3º maior exportador agrícola*. Recuperado em 01 julho, 2016, de: <https://www.milkpoint.com.br/cadeia-do-leite/giro-lacteo/omc-aponta-brasil-como-3-maior-exportador-agricola-61046n.aspx>.

Projetos e políticas de desenvolvimento agrícola, especialmente em nível local devem responder às necessidades das populações, incluindo-se os pequenos produtores para garantir a adesão e suscitar a sua participação (Mazoyer, & Roudart, 2010). Estes pressupostos apontam a relevância e a necessidade de análise e compreensão do curso de vida e trabalho das pessoas que vivem no campo e, neste estudo, priorizou-se explorar a trajetória do pequeno produtor.

Tomando por universo de investigação o pequeno produtor rural idoso, faz-se pertinente refletirmos quem é este sujeito social, e como vivem as pessoas que envelhecem no campo. Pedro (2013) afirma que uma das principais preocupações da Gerontologia Social é compreender a maneira pela qual o indivíduo interage com a sociedade no curso da vida, especialmente na fase em que envelhecem e de como as estruturas sociais determinam o processo de envelhecimento. Completa ainda que, ao estudar o humano “deve ficar claro que está sempre estudando uma formação material determinada, qualquer que seja o corte feito na universalidade das relações recíprocas em que está inserido” (Ciampa, 1993, p. 150, citado em Pedro, 2013, p. 12).

De que maneira os pequenos produtores rurais estão reorganizando as atividades de produção e mudando seus modos de vida e de trabalho diante das transformações que estão ocorrendo com os arrendamentos de terras? Os pequenos proprietários têm tido oportunidades de permanência no campo?

Dentro da perspectiva do curso de vida, Baltes (2000) aponta que o curso de vida segue um roteiro de mudanças referentes às metas e aos meios de consecução das mesmas. Bassit (2000), por sua vez, evidencia os marcos temporais, aos quais a perspectiva do ciclo de vida melhor se adequaria, para um incremento em processos de individuação, que passam pela construção da idade cronológica como marca social determinante. Lima, Silva e Galhardoni (2008), apontam a existência de modelos de enfrentamento aos eventos não normativos do curso de vida. É nesta perspectiva que se propõe avançar as presentes reflexões.

A macro-região geográfica estudada está inserida no Departamento Regional de Saúde III, Araraquara (SP), da Secretaria de Estado da Saúde. Esta região conta com uma população idosa de 12,05%. A DRS III explicita que 3% da população situa-se na zona rural. O município onde a pesquisa foi realizada possui uma área rural de 55.824 ha, dividida em 1.207 propriedades rurais, de acordo com dados da LUPA (2007/2008).

Há uma predominância de pequenas propriedades, sendo que 67% delas com área de até 50 ha e, mesmo assim, são subdivididas para exploração entre famílias. As culturas de cana-de-açúcar e citros ocupam aproximadamente 85% da área.

É importante salientar que o tamanho da propriedade não é mais pré-requisito para a mecanização do processo produtivo (Balsadi, 2001). A discussão sobre a agricultura familiar emergiu no contexto brasileiro em meados da década de 1990, considerada tardiamente, se comparada à tradição dos estudos sobre esse tema nos países desenvolvidos.

A escolha por tal problemática de pesquisa ancora-se e justifica-se nas mudanças dos modos de trabalho e vida dos pequenos produtores evidenciada na literatura. Diversos autores lançaram luzes para conceituar a agricultura familiar (Lamarche, 1997; Felicio, 2006; Buainain, & Romeiro, 2000; Carmo, 2000; Wanderley, 1996; Martins, 2003; Bittencourt, & Bianchini, 1996). As concepções sobre agricultura familiar adotadas em estudos e pesquisas referem-se à produção agrícola e vincula a propriedade e o trabalho à família. Pretende-se explorar o universo dos pequenos agricultores idosos para saber quem eles são, suas histórias e trajetórias de vida e trabalho.

Nesse sentido algumas questões reafirmam algumas questões deste estudo: Como ele chegou a se tornar um arrendatário? Quais foram as suas trajetórias para chegar até aqui? Como este pequeno produtor tem se relacionado com o mercado?

Como consequência desta dinâmica, Ficarelli e Ribeiro (2010) abordam que a maioria das terras ocupadas pelos canaviais no interior do estado de São Paulo, a partir dos anos 2000, não se deu pela compra de terra, mas por arrendamento. Houve um aumento de terras arrendadas para a cultura canavieira, em que ocorreu a transformação do uso da terra em grande parte do Estado, recriando uma nova geografia econômica que corresponde, prioritariamente, aos interesses do setor sucroalcooleiro.

Nas palavras de Zafalon (2007), o alto custo das terras, provocado pela própria expansão do plantio da cana, faz com que as usinas e grandes fornecedores prefiram arrendar terras em vez de comprá-las. Assim, o arrendamento é um incentivo ao pequeno produtor para abandonar a propriedade, porque o que vem ocorrendo é que, ao final do contrato, ou quando o contrato não for mais favorável, o pequeno produtor pode ter perdido a sua identidade com a terra, o que facilita a venda da propriedade às usinas.

Inácio e Santos (2011) refletiram sobre as consequências do arrendamento de terras para a cana de açúcar, e perceberam que isso gera um comodismo aos arrendatários, que geralmente se beneficiam do negócio, sem ter que se preocupar com a produção. Um dos principais pontos relacionados às dificuldades encontradas pelo pequeno produtor é enfrentar essas mudanças, as quais os obrigam a refletir sobre seus valores, cultura, tradições, fazendo-os adotar novas posturas, mudarem seus referenciais para se adaptarem às imposições do agronegócio. A existência de uma reconstrução das realidades sociais das comunidades rurais não faz com que elas participem do processo de modernização agrícola.

Lamarche (1997) afirma que parte dos pequenos produtores é excluída do processo de modernização, conservando muitas de suas características tradicionais. São poucos os pequenos produtores que, em sua propriedade, tem equipamentos modernos. A maior parte dessas famílias vive sob reais condições de pobreza. Que alternativas de sobrevivência o pequeno produtor está buscando? Romeiro (2002) aponta que eles estão buscando alternativas que lhes garantam maior produtividade da propriedade, para a sua sobrevivência e de sua família. Schlesinger (2008) verificou que, nas principais áreas de expansão da cana de açúcar, já houve o deslocamento, não só de atividades agrícolas e pecuárias de grande porte, mas, também, daquelas desenvolvidas pela agricultura familiar. Muitas culturas típicas, como laranja e café, cederam espaço para a monocultura da cana. Ir para a roça e conhecer o curso de vida do pequeno produtor rural é criar a possibilidade de conhecer o modo como esses agricultores expressam sua identidade e interpretam a realidade que estão vivendo.

O nosso propósito é evidenciar aspectos pouco conhecidos em relação a trajetórias de vida, e ao trabalho destes pequenos agricultores, e o que resulta hoje no seu envelhecimento ativo e saudável. Mais do que fazer apontamentos sobre o trabalho e vida destes pequenos agricultores pela sua história de vida, pretendemos trazer uma breve reflexão sobre a vida no campo no contexto de envelhecimento.

Defende-se, cf. Pedro (2013), a ideia de que as pessoas devem ter o direito de poder construir identidades com autonomia, emancipação e respeito às diferenças.

Pedro (2006) defende que ao estudar identidade é preciso uma proposta científica que, ao mesmo tempo, seja social e política. Nessa perspectiva a escuta do sujeito é fundamental para compreender as suas transformações psicossociais.

Sobre os aspectos do envelhecimento, Pedro (2011; 2013; Gomes, & Pedro, 2016) assinalam que a realidade brasileira é singular e plural: os estudos e intervenções devem considerar as especificidades constituintes do processo e a diversidade individual, as características regionais e locais; as especificidades de gênero, raça-etnia, classe social, a vida urbana e a rural que determinam a saúde e o envelhecimento.

O presente estudo concentra-se na história de vida de pessoas que se tornaram idosas na zona rural e que são senhores de direito, carecendo de visibilidade e atenção das políticas públicas. Assim é que, para compreendermos a identidade humana, precisamos contextualizar um fenômeno a ser estudado em suas diferentes dimensões.

Procedimentos Metodológicos

Trata-se de um estudo, de natureza social e qualitativa. Optou-se investigar sujeitos que se inserem no contexto da agricultura familiar.

A escolha pelos pequenos agricultores ocorreu porque suas histórias e trajetórias de vida são intermediadas por transformações do meio rural, sendo intensamente submetidos às mudanças de mercado e às crises agrícolas.

A pesquisa foi desenvolvida em um município do interior do estado de São Paulo, sendo este localizado em uma das regiões agrícolas mais produtivas do Estado de São Paulo (Almeida, & Abreu, 2009).

Utilizou-se a história de vida (Correia, & Guiraud, 2009), como estratégia de coleta de dados, com um roteiro semi-estruturado de perguntas abertas sobre a biografia, as condições de vida e a trajetória dos participantes no contexto rural, tendo o trabalho em sua centralidade.

Participaram deste estudo quatro agricultores: João, Antonio, Maria e Manoel, (nomes fictícios), sendo que os últimos constituem um casal. A partir da participação do senhor João, os pesquisadores solicitaram que fossem indicados outros participantes, adotando-se, portanto, como critério de inclusão, o aceite em participar deste estudo, a moradia na zona rural do município, e estar em atividade de trabalho nas condições de pequeno agricultor e ser arrendatário.

Tal escolha pautou-se em Thiollent (1994), quanto à “amostra intencional”, ou seja, a escolha de um pequeno número de pessoas convidadas intencionalmente, considerando-se a relevância que estas apresentam em relação ao assunto investigado, com os procedimentos éticos sendo observados.

A análise dos dados se deu a partir de procedimentos interpretativos, visando a compreender as singularidades, as transformações psicossociais e os pontos convergentes e divergentes nas biografias, permitindo-se uma reflexão sobre as trajetórias e as condições de vida do sujeito.

Resultados e Discussão

Perfil dos participantes

A seguir, demonstra-se o perfil dos participantes do estudo. A fim de garantir a preservação da identificação, foram nomeados ficticiamente: João, Antonio, Maria e Manoel, respectivamente.

Tab. 1. Perfil dos participantes

Participantes	Gênero	Idade
João	Masculino	75 anos
Antonio	Masculino	66 anos
Maria	Feminino	75 anos
Manoel	Masculino	76 anos

Dentre os sujeitos do estudo (n=3 homens e n=1 mulher), as idades variaram entre 66 e 76 anos, sendo que vivem em três propriedades rurais e são agricultores familiares. A Lei Federal n.º 11.326/2006 (Brasil, 2006) estabelece que o agricultor familiar é aquele que pratica atividades no meio rural, não possui, a qualquer título área maior do que quatro módulos fiscais e que utilize, predominantemente, mão de obra da própria família, nas atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento, e que dirija a sua propriedade com o trabalho da sua família.

Histórias singulares e Histórias que se cruzam

O Sr. João morou na mesma propriedade que já era da sua família, desde o nascimento, até os dias de hoje, há 75 anos, portanto. Relata que a produção de laranja trouxe “muita coisa boa”, mas que agora começa a sentir uma profunda tristeza, quando lhe vem à memória as mudanças nas plantações. No momento presente, faz um ano que o senhor João arrendou sua propriedade para uma usina realizar o plantio da cana de açúcar.

A família originária do senhor João era constituída por treze irmãos. Quando perguntado sobre há quanto tempo mora na propriedade, o Sr. João nos diz:

“75 anos que eu moro no mesmo lugar... os meus pais já moravam lá... (indicando a casa) eu nasci lá... tinha café, aí o café deu zebra... fiquei com o café uns 20 anos... mais... uns 25 anos... Aí, o café não deu mais jeito, passamos para a laranja. A gente se recorda muita coisa boa, e muita coisa ruim também...mais coisa boa.”

Contata-se desde o início a percepção do seu João de que as mudanças no plantio provocavam também mudanças psicossociais, o que expressa sentimentos de angústia e de tristeza, de erros e acertos. A seguir, procurou-se explorar aspectos do dia a dia do agricultor, quando o Sr. João nos relatou:

“O meu dia a dia hoje... eu sou aposentado, e fica eu e a muié... então,... eu ajudo meu filho... eu cato um pouquinho de limão, eu fico ali por perto, tenho duas vaquinhas de leite... então, tamo ali lutando... não tenho vontade de ir para a cidade, tenho vontade de ficar aqui no sítio mesmo. Gosto do sítio, fui criado no sítio... se eu sair de daqui, eu vou fazer o quê na cidade? Fica difícil...”

Ao falar do presente, o Sr. João revela o desejo de permanecer na vida rural. A subsistência sua e da esposa que relata, o auxílio ao trabalho do filho, bem como o cotidiano do seu trabalho, revelam um sentido muito pessoal de permanência, dado que problematiza sobre “eu vou fazer o quê na cidade?”.

O Sr. João também nos relatou que as doenças da plantação (*greening*) o deixam muito magoado. Também afirma que pensou e conversou com outro pequeno agricultor sobre a necessidade de manterem a calma, e não se desesperarem, “*porque trouxe a memória de muitas batalhas vencidas nesta vida*”.

“aí viemos lutando, lutando... mas não dava mais... foi onde nos arrendamos para a cana.”

A narrativa da história do Sr. João não apresenta uma cronologia: presente e passado se cruzam em sua narrativa, o que evidencia a busca de alternativas para o atual estágio do curso da vida no meio rural.

O Sr. João relata que teve uma infância muito boa, ia para a escola, numa cidadezinha ao redor, quando tinha entre oito e nove anos.

A família era muito grande e, com o passar do tempo, os jovens foram se casando, e os irmãos se separando um do outro. O Sr. João complementa que alguns deles se tornaram sócios. Na narrativa do Sr. João, verifica-se a centralidade do trabalho em sua vida:

Ah, [o trabalho] significa tudo! [risos] Se a gente ficar parado, eu morro... sei lá!, a gente gosta de ver televisão, assistir esses programas caipiras... passa aquelas coisas antigas, dói por dentro... a gente começa a chorar...

Sr. João relata que, em anos anteriores, o trabalho era mais sacrificado. Para ele, a lavoura do café era pesada demais.

Quando refletimos sobre a questão do arrendamento, Sr. João declara que nunca tinha pensando em arrendar suas terras para a cana e sempre tentou não ceder diante dessa possibilidade; chegou num ponto, porém, de dificuldades, que não conseguiu mais manter, sozinho, a propriedade. Esta declaração nos revela sentimentos de que, para além do trabalho, demonstram “*ser inadmissível viver, senão onde sempre se viveu*”.

Hoje, residem na pequena propriedade o Sr. João, a esposa, o filho, a nora e uma neta. Filho, esposa e neta moram numa casa ao lado. Sr. João conta com entusiasmo que ele ajuda o filho na roça.

Os pesquisadores perguntaram, então, para o agricultor como é viver no sítio hoje:

“Eu gosto muito da liberdade que a gente tem... eu não tenho vontade de ir morar na cidade. Hoje a moçada do sítio vai cedo pra cidade trabalhar... e volta pro sítio... e muitos tão fazendo isso... Eu tenho muito medo de vender esta propriedade... depois ficar sem nada.”

Sr. João declara seu sentimento de liberdade e a dificuldade de pensar as mudanças e possíveis perdas, caso ocorra sua saída do sítio.

Outra história investigada neste trabalho é a do Sr. Antônio, 66 anos, com este lavrador mostrando uma trajetória singular. O sentimento de querer permanecer na zona rural é muito semelhante ao relatado pelo Sr. João:

“...aí, fica meio complicado, o cara tá acostumado a ir trabalhar com a terra todos os dias, e depois... depois, ele sabe que se arrendou para a cana... ele não é mais dono, né?”; você tem o sítio de propriedade, mas você num é mais dono... no contrato já é autorizada a entrada “deles” sem prévio aviso; você não fica mais dono, naquele período do contrato; então, para quem nasceu no sítio e permaneceu até certa idade é... complicado. O pessoal mais antigo não tem paciência de ficar parado, não; alguma coisa ele tem que fazer, ou carpir, ou ter fruta pra colher, ou outra coisinha, ou pé de abóbora ou pé de mandioca, alguma coisa, tem que fazer... Ver uma plantação de tomate, ou de café, ter algum contato, você se identifica e agora a terra passa a não ser sua... porque está arrendada. Não tem poder de nada. A única coisa que você pode é ir, lá, no portão, ficar olhando as máquinas trabalhar.”

O agricultor Antonio é descendente de italianos e nasceu em um sítio localizado no município em estudo. Morou no sítio até os 12 anos, depois se mudou para a cidade. Filho de uma família com quatro irmãos, e uma irmã que ficava em casa, conforme seus dizeres:

“O sítio era administrado pelo meu pai e por ele mesmo. Eles tiravam leite, naquela época, toda a propriedade vendia leite... 05h30, 06h tinha que levantar porque, até às 8h, o tambor já tinha que tá na beira do caminhão, e tinha que levar. Na infância montava cavalo, jogava bola, não tinha televisão, só rádio, todo o mundo se conhecia, juntava apenas o pessoal da roça.”

O momento inicial da coleta de dados já propiciou, ao senhor Antonio, o resgate da memória dos tempos de infância: a vida em família, as brincadeiras, e o cotidiano na roça. A trajetória do Sr. Antonio após os 12 anos passou a mudar, ao ir para a cidade realizar os estudos, concluídos no ensino médio; concomitantemente, durante a vida na cidade foi funcionário público, tendo retornado ao sítio na sua quinta década de vida, por ocasião da morte do pai; então, a propriedade que tinha quarenta alqueires foi repartida entre os irmãos, ficando nove alqueires para o Sr. Antonio. Há quinze anos, o Sr. Antonio reside novamente no sítio, de início cultivando a cana de açúcar, depois com a plantação de laranja e limão.

Mais tarde, investiu na plantação de goiaba, ficando com essa fruta por uns seis a sete anos, mas depois com a goiaba passou a ter muita doença, seu custo tornou-se alto, desde a poda até a colheita; foi, então, que o agricultor resolveu arrendar as terras para a cana e assim está até os dias de hoje.

Este movimento de resgate de memória se presentifica, quando se pergunta ao senhor Antonio sobre suas perspectivas futuras:

“ah..., fica chato, a gente fica sem chão... Mas, o futuro, vai saber o que vai acontecer... porque a cana, a laranja, quando estava começando, eles vinham, davam dinheiro, para depois comprar a florada. Agora, no fim, você precisa correr atrás, pedir pelo amor de Deus, para eles comprarem e entregar. Antes eles vinham, colhiam... e, hoje, você tem que fazer tudo, colher... entregar... O meu medo é esse, de amanhã ou depois, a cana fazer isso também, pra você entregar, precisa levar na usina.”

Para o Sr. Antonio, o arrendamento representa, em primeiro lugar, uma saída financeira, a sobrevivência, embora ele nos revele também suas incertezas, e a instabilidade da situação atual e futura:

“(...) a parte boa é a tranquilidade financeira, e a parte ruim... é isso... que você não é mais dono da sua propriedade e a desconfiança do que pode vir a acontecer.”

De forma similar ao caso do Sr. João, o trabalho possui, para Sr. Antonio, uma centralidade, e o amálgama com os aspectos psicossociais vividos é muito presente em sua memória.

O Sr. Antonio sente que tem a propriedade de seu sítio, mas, ao mesmo tempo, não a tem. Com o contrato de arrendamento, os trabalhadores da usina têm permissão de entrada na propriedade rural sem aviso prévio, o que desperta no Sr. Antonio uma sensação de desapropriação. Relata, ainda, um sentimento paradoxal diante disso: *“Para quem nasceu no sítio e permaneceu até uma certa idade, é complicado assim”*.

Com a narrativa de ambos os lavradores, Sr. João e Sr. Antonio, evidencia-se que pessoas, em processo de envelhecimento, experienciam acontecimentos de muita instabilidade com a sazonalidade das safras, dos produtos, inerentes ao processo de arrendamento das propriedades.

Quando questionado sobre as perspectivas de futuro, o Sr. Antonio nos revela: *“Sinto medo, porque não tenho certeza do que vai acontecer com as nossas terras”*.

Na sequência deste estudo, apresentamos a história de dona Maria e do agricultor Manoel, casados há cinquenta e cinco anos; nasceram nas propriedades rurais dos pais, localizadas uma do lado da outra. Declara o casal Maria e Manoel que, desde a infância, trabalharam na roça, plantando café, algodão, milho, arroz e amendoim.

Na lida da roça, trabalharam desde os sete anos, e construíram suas trajetórias de vida. Iam para a escola juntos e, quando voltavam, o Sr Manoel relata que acompanhava o pai na lavoura. Maria declara que auxiliava a mãe nas tarefas de casa, mas sempre no “batente”. O Sr. Manoel é filho de uma família com nove irmãos, quatro homens e cinco mulheres, todos iam para a roça juntos, quando eram crianças. Ao ser convidado a trazer a memória da infância, Sr. Manoel nos relata uma mescla de passado e presente, dizendo que o sítio mudou como o “sol” e a “lua”.

No resgate da trajetória de vida, passado e presente revelam mudanças, desejadas ou não, e perdas como consequência, na narrativa de Manoel uma forte simbologia sobre uma estrada de “cimento” que faz com que a vida e as relações sejam cindidas:

“Tinha bastante gente que morava nas propriedades rurais... tinha uma união que dava gosto, durante a noite, ficava no terreiro... um passava, assoviando... outro, cantando, ou a cavalo, ou a pé... um visitava o outro... durante o dia, as famílias saíam de uma casa, ia no parente... no domingo... as mães com as crianças, os papais jogavam futebol... domavam o animal... era essa a nossa vida, que eu não saí do nada... quando apareceu essa estrada, a Washington Luís, nos mudamos. Lá aonde tá meus irmãos, então, o solo daquela estrada é de cimento, não é de pedra...”

O Sr. Manoel declara que a propriedade rural deles é de cinco alqueires; é recente o arrendamento para a cana de açúcar.

Afirma, ainda, que decidiram arrendar *“porque não podiam mais trabalhar... não tinham mais resistência”*. Sr. Manoel nos declara que *“é o modo que dá pra eles tocaram a vida, eles passavam veneno na laranja, antes do arrendamento e não adiantava”*. Dona Maria, diz que:

“Eu tenho sentimento, que a gente já viveu da laranja... trabalhou... gostoso, né? Agora a gente se sente inútil... Agora a gente não se conforma...”

O relato de Dona Maria também confirma as transformações do processo de trabalho, e os impactos percebidos no cotidiano, apontando um sofrimento psicossocial e o sentido da vida no momento atual, o que, para nós, confirma as preocupações sobre o processo de envelhecimento no contexto rural.

Considerando-se que é muito frequente o arrendamento das terras dos pequenos agricultores rurais brasileiros, este breve estudo exploratório evidencia aspectos das transformações e a urgência de desvelarmos a problemática do envelhecimento no contexto rural.

É sabido que outras formas de vida e organização do trabalho permeiam a vida no campo, o que justifica a necessidade de outros estudos sobre a identidade e as representações do trabalho e do envelhecimento na zona rural.

Considerações Finais

“Isso aqui de nada adianta, pouco existe o que lavrar; mas, diga-me, retirante, o que mais fazia por lá? Também lá na minha terra, de terra mesmo pouco há; mas até a calva da pedra sinto-me capaz de arar.”

(João Cabral de Mello Neto. *Morte e Vida Severina*)³

Os sujeitos do estudo revelam a complexidade do trabalho na zona rural: de um lado, o complexo sistema de arrendamento das propriedades rurais, vigente no Brasil, tendo desafios de sobrevivência, mas, acima de tudo, pelas transformações psicossociais e intersubjetivas constitutivas dessa etapa da vida na zona rural.

A memória de décadas de vida na zona rural é revisada com a presente reflexão: infância, adolescência, juventude, vida adulta e, mais recentemente, a consciência do envelhecimento na zona rural, e os desafios de resistência. O trabalho realizado se mistura à percepção pessoal e subjetiva da vida e da existência. As narrativas, apesar de singulares, reafirmam o tempo todo: *“A vontade é de ficar aqui. A gente é acostumado na roça”* (Dona Maria).

Deixamos algumas observações que consideramos relevantes, acerca do papel das histórias de vidas nas pequenas propriedades, que ainda sobrevivem nos dias atuais, o modo de vida dos trabalhadores que permaneceram no campo. De como está acontecendo o envelhecimento no campo. Também ocupa um espaço de interesse desvendar quem são os atuais pequenos produtores rurais.

Nossa linha de pensamento vem ao encontro da discussão acerca da dimensão que esse envelhecimento no campo tem assumido na sociedade. Pode vir a ser também uma base de reflexão para futuras definições, sobre a gestão dessas estratégias de sobrevivência.

³ Melo Neto, J. C. de. (1979). *Morte e Vida Severina*. In: *Poesias Completas*. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio Editora.

De acordo com Pedro (2013), torna-se imprescindível fomentar a produção de conhecimentos e a formação de recursos humanos, visando a condições objetivas e subjetivas em prol de um envelhecimento digno – individual e coletivo.

As reflexões trazidas são frutos das primeiras aproximações metodológicas sobre a necessidade de conhecer os modos de vida atuais das pessoas idosas que vivem no campo.

Referências

Abramovay, R. (2007). *Paradigmas do capitalismo agrário em questão*. São Paulo, SP: EDUSP.

Almeida, F. G., & Abreu, L. S. de. (2009). Estratégias produtivas e aplicação de princípios da agroecologia: o caso dos agricultores familiares de base ecológica da cooperativa dos agropecuaristas solidários de Itápolis, SP: Coagrosol. São Paulo, SP: *Revista de Economia Agrícola*, 56(1), 37-53. Recuperado em 01 agosto, 2016, de: <http://www.iea.sp.gov.br/ftp/iea/publicacoes/rea/rea3-n1-09.pdf>.

Baltes, P. B. (1995). Prefácio. In: Neri, A. L. (Org.). *Psicologia do Envelhecimento: Temas selecionados na perspectiva de curso de vida*, 9-12. Campinas, SP: Papirus.

Balsadi, O. V. (2001). Mudanças no meio rural e desafios para o desenvolvimento sustentável. *São Paulo em Perspectiva*, 15(1), 155-165. Recuperado em 01 julho, 2016, de: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n1/8599.pdf>.

Basílio, C. A. (2009). *A sucessão na agricultura familiar: o caso dos universitários filhos de produtores no município de Jaru, RO*. Porto Velho, estado de Rondônia, Brasil: Dissertação de mestrado em Administração. Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Rondônia, UNIR. Recuperado em 01 julho, 2016, de: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp113883.pdf>.

Bassit, A. Z. (2000). O curso de vida como perspectiva de análise do envelhecimento na pós-modernidade. In: Debert, G. G., & Goldstein, D. *Políticas do corpo e o curso da vida*, 217-234. São Paulo, SP: Mandarim.

Bittencourt, F. A., & Bianchini, V. (1996). Agricultura familiar na região sul do Brasil, Consultoria UTF/036-FAO/INCRA.

Buainain, A. M., & Romeiro, A. R. (2000). *A agricultura familiar no Brasil: agricultura familiar e sistemas de produção*. Campinas, SP: FAO/INCRA, Projeto UTF/BRA/051/BRA). (58 p.).

Brandenburg, A. (2005). Ciências sociais e ambiente rural: principais temas e perspectivas analíticas. *Ambiente e Sociedade*, 8(1), 51-64. Recuperado em 01 julho, 2017, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-753X2005000100004>.

Brasil. (2006). *Lei 11.326, de 24 de julho de 2006*. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Diário Oficial da União (25/07/2006).

- Carmo, R. B. A. (2000). *A questão agrária e o perfil da agricultura brasileira*. Salvador, BA: *Bahia Agrícola*, 4(1), 27-32. Recuperado em 01 julho, 2016, de: http://www.seagri.ba.gov.br/sites/default/files/socioeconomia_V4N1_0.pdf.
- Castel, R. (2004). *La inseguridad social: que es estar protegido?* Buenos Aires, Argentina: Manantial. (120p.).
- Ciampa, A. da C. (1993). *A estória do Severino e a história da Severino*. (3^a ed.). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Comparato, B. K. (2001). *A ação política do MST. São Paulo em Perspectiva*, 15(4), s.p. Recuperado em 01 julho, 2016, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000400012>.
- Correa, R.L., & Guiraud, L. (2009). Possibilidades e limites de história de vida por meio de depoimentos orais na história da formação de professores. Curitiba, PR: *Rev. Diálogo Educ*, 9(28), 671-686. Recuperado em 01 julho, 2016, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/dialogo-2840.pdf>.
- Estatuto da Terra. *Lei n.º 4.504, de 30 de novembro de 1964*. Recuperado em 09 setembro, 2016, de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4504.htm.
- Felício, M. J. (2006). A conflitualidade dos paradigmas da questão agrária e do capitalismo agrário a partir dos conceitos de agricultor familiar e de camponês. *Campo território: Revista de Geografia Agrária*, 1(2), 14-30. Recuperado em 01 julho, 2016, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/11793-55060-1-PB.pdf>.
- Ficarelli, T. R. D. A., & Ribeiro, H. (2010). Dinâmica do arrendamento de terras para o setor sucroalcooleiro: estudo de casos no Estado de São Paulo. *Informações Econômicas*, 40(1), 44-54. Recuperado em 01 julho, 2017, de: <ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/publicacoes/ie/2010/tec4-0110.pdf>.
- Gomes, A. F., Pedro, W. J. A. (2016). Tecnologias, condições de vida e envelhecimento no campo: trajetórias de trabalho do pequeno agricultor familiar no interior do Estado de São Paulo. In: XI Jornadas Latino-Americanas de Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia, ESOCITE 2016, Curitiba, PR. *Anais* (on-line). Recuperado em 01 setembro, 2016, de: <http://www.esocite2016.esocite.net>.
- IBGE. (2006). Censo Agropecuário, 2006. *Agricultura familiar – primeiros resultados: Brasil, grandes regiões e unidades da federação*. Recuperado em 01 julho, 2016, de: www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/agri_familiar2006/familia_censoagro2006.pdf.
- Inácio, J. B., & Santos, J. R. (2011). A expansão da cana-de-açúcar nos territórios de produtores tradicionais do Triângulo Mineiro-MG. Maringá, PR: *Revista Percurso*, 3(2), 167-195. Recuperado em 01 julho, 2016, de: [https://pt.scribd.com/document/114933735 /A-EXPANSAO-DA-CANA-DE-ACUCAR-NOS-TERRITORIOS-DE-PRODUTORES-TRADICIONAIS-DO-TRIANGULO-MINEIRO-MG](https://pt.scribd.com/document/114933735/A-EXPANSAO-DA-CANA-DE-ACUCAR-NOS-TERRITORIOS-DE-PRODUTORES-TRADICIONAIS-DO-TRIANGULO-MINEIRO-MG).
- INCRA/FAO. (1999). *Guia metodológico: diagnóstico de sistemas agrários*. Brasília, DF: INCRA/ FAO - Projeto de Cooperação Técnica.
- INCRA. (2000). *Novo Retrato da Agricultura Familiar: O Brasil Redescoberto*, Ministério do Desenvolvimento Agrário. Brasília, DF, fevereiro de 2000.

- Lamarche, H. (1997). *A agricultura familiar* (vol.1, 2^a ed.). Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Lima, A. M. M., Silva HS., & Galhardoni R. (2008). Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras. *Interface Comun Saúde Educ*, 12(27), 795-807. Recuperado em 01 julho, 2016, de: http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/2673/art_LIMA_Envelhecimento_bem-sucedido_trajetorias_de_um_constructo_e_2008.pdf?sequence=1.
- Martins, J. S. (2003). *O Sujeito oculto: ordem e transgressão na reforma agrária*. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS.
- Mazoyer, M., & Roudart, L. (2010). *História das agriculturas do mundo – do neolítico à crise contemporânea*. Claudia E. Falluh Balduino Ferreira, Trad. São Paulo, SP: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD.
- Paiva, R. M. (1979). *A Agricultura no Desenvolvimento Econômico: suas limitações como fator dinâmico*, 7-49. Rio de Janeiro, RJ: IPEA/INPES.
- Pedro, W. J. A. (2002). Gênero, tecnologia e envelhecimento: compartilhando experiências e reflexões. In: Galindo, D., & Souza, L. L. *Gênero e Tecnologias. Tecnologias do Gênero: estudos, pesquisas e poéticas interdisciplinares*, 117-136. Cuiabá, MT: EdUFMT.
- Pedro, W. J. A. (2006). Reflexões sobre a categoria identidade através de uma perspectiva interdisciplinar. *Revista Uniara UNAERP*, 19, 67-74. Recuperado em 01 julho, 2016, de: <http://revistarebram.com/index.php/revistauniara/article/view/250/204>.
- Pedro, W. J. A. (2011). *A história de cada um, a história de todos nós*. São Paulo, SP: Livro Pronto (v. 1, 272p.).
- Pedro, W. J. A. (2013). Reflexões sobre a promoção do Envelhecimento Ativo. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós Gerontologia*, 16(5), 09-32. Recuperado em 01 julho, 2016, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/18506>.
- Romeiro, V. M. B. (2002). *Gestão da Pequena Unidade de Produção Familiar de Citros: uma análise dos fatores influentes no sucesso do empreendimento do ponto de vista do produtor de Bebedouro (SP)*. Dissertação de mestrado em Engenharia de Produção. São Carlos, SP: Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade de São Paulo. Recuperado em 01 julho, 2016, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/Tese.pdf>.
- Schlesinger, S. (2008). *Lenha nova para velha fornalha: a febre dos agrocombustíveis*. Rio de Janeiro, RJ: FASE. (108p.).
- Schneider, S. (2003). Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. *Revista Brasileira Ciências Sociais*, 18(51), 99-122. Recuperado em 01 julho, 2016, de: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n51/15988>.
- Schneider, S. (Org.) (2006). *A diversidade da agricultura familiar*. Porto Alegre, RS: editora da UFRGS.
- Sodero, F. P. (1968). *Direito Agrário e Reforma Agrária*, São Paulo, SP: Livraria Legislação Brasileira.
- Thiollent, M. (1994). *Metodologia da Pesquisa-Ação nas Organizações*. (6^a ed.). São Paulo, SP: Cortez.

Wanderley, M. de N. B. (1996). Raízes históricas do campesinato brasileiro. *In: XX Encontro Anual da ANPOCS. GT 17: Processos Sociais Agrários*. Caxambu, MG. (outubro, 1996). Recuperado em 01 julho, 2016, de: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Ra%C3%ADzes%20Historicas%20do%20Campesinato%20Brasileiro%20-%20Maria%20de%20Nazareth%20Baudel%20Wanderley%20-%201996.pdf>.

Zafalon, M. (2007). Avanço da cana concentra a produção nas grandes usinas. *Folha de São Paulo*. (São Paulo, 29 abril, 2007). Recuperado em 20 setembro, 2014, de: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2904200707.htm>.

Recebido em 09/10/2016

Aceito em 30/12/2016

Angélica Fabiana Gomes - Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, PPGPsi, Universidade Federal de São Carlos. Pesquisadora no grupo Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Gerontologia Social, NIEPGS, da Universidade Federal de São Carlos.

Wilson José Alves Pedro - Pós-Doutorado no Instituto do Envelhecimento, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Professor Adjunto do Departamento de Gerontologia, e PPGCTS da Universidade Federal de São Carlos, área de Gerontologia Social, e Dimensões Sociais da Ciência e Tecnologia, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, Brasil.

E-mail: wjapedro@gmail.com